

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

MARIA APARECIDA DA SILVA FUTIGAMA

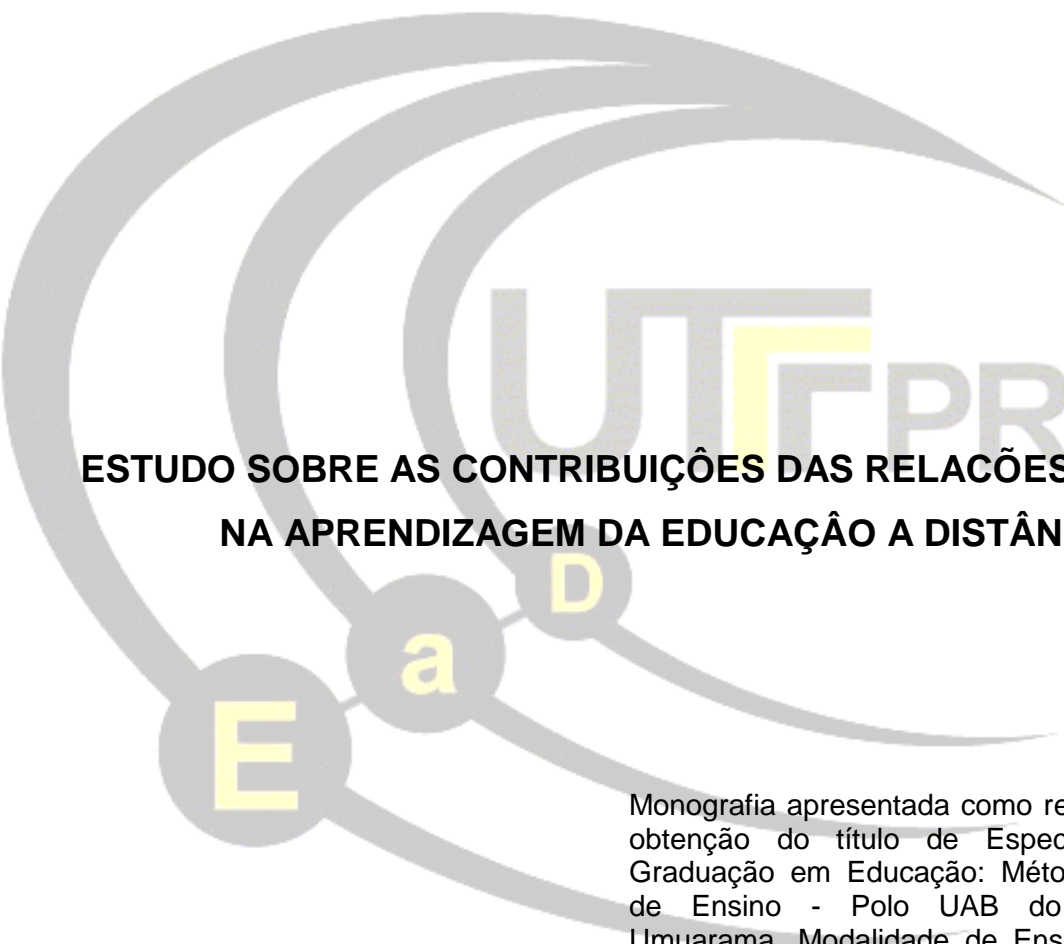
**ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS RELAÇÕES AFETIVAS
NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

MARIA APARECIDA DA SILVA FUTIGAMA



**ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS RELAÇÕES AFETIVAS
NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

Estudo Sobre as Contribuições das Relações Afetivas na Aprendizagem da
Educação a Distância

Por:

Maria Aparecida da Silva Futigama

Esta monografia foi apresentada às 20h40min do dia 13 de dezembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Umuarama, PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof Me. Henry Charles A. D. N. T de Mendonça Brandão
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho a Deus, nosso pai e criador, a minha família, amigos, professores, tutores e a todos que direta ou indiretamente fizeram com que essa minha conquista fosse possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora mestra Marlene Magnoni Bortoli pelas orientações, carinho e afeto ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Só consigo pensar num professor como construtor do saber se esse saber é visto como preche de cultura, se é um saber humano em que temas como os direitos humanos, os preconceitos, o prazer, o desejo, paixão, a imaginação, o sonho e o processo criador têm tanta importância quanto os conhecimentos científicos” (KRAMER)

RESUMO

FUTIGAMA, Maria Aparecida da Silva. Estudo Sobre as Contribuições das Relações Afetivas na Aprendizagem da Educação a Distância. 2013. 42f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática as contribuições das relações afetivas na aprendizagem da educação à distância. Embasando-se em autores como Piaget, Wygozty, Wallon, Libâneo e Tiba, o estudo buscou esclarecer as relações entre cognição, afetividade e emoção no aprendizado, quem são os personagens do campus virtual (alunos, professores, tutores, etc.) como e quais relações se dão nesse ambiente que leva o ensino superior majoritariamente ao público adulto e dotado de autonomia, em todos os cantos desse país atualmente. O estudo traz uma conceituação e histórico do ensino a distância no Brasil e no mundo bem como traz uma reflexão de dois estudos contemporâneos sobre a aplicabilidade do afeto nas atividades propostas pelos ambientes online.

Palavras-chave: Afetividade. EAD. Pluridimensionalidade.

ABSTRACT

FUTIGAMA, Maria Aparecida da Silva. Estudo Sobre as Contribuições das Relações Afetivas na Aprendizagem da Educação a Distância. 2013. 42f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as theme the contributions of affective relationships in learning in distance education. Based on authors such as Piaget, Wygozty, Wallon, Libâneo and Tiba, the study seeks to clarify the relationship between cognition, affection and emotion in learning, who are the characters of the virtual campus (students, teachers, mentors, etc.) how and what relations occur in this environment that takes the higher education mostly to the adult and endowed with autonomy audience, in all corners of this country today. The study brings a conceptualization and history of the distance education in Brazil and in the world, as well as brings a reflection of two contemporary studies on the applicability of affection in the proposed activities by online environments.

Keywords: Affectivity. Distance Education. Multi-Dimensionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto sobre Primeira Guerra Mundial	35
Figura 2 – Segunda Guerra Mundial	35
Figura 3 – Emoticons	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	13
3.1 RAZÃO E EMOÇÃO.....	13
3.1.1 A Afetividade e a Aprendizagem	15
3.2 MODALIDADE EAD	23
3.2.1 Afetividade na Modalidade EaD	28
3.2.2 O Lúdico, Utilizado como Recurso na Aprendizagem	29
3.3 COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO EM UMA SALA VIRTUA	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Atualmente há uma grande discussão sobre o valor afetivo na vida do ser humano, e no desenvolvimento da aprendizagem o que despertou o interesse em saber se esse é realmente um dos motivos que estimula o sujeito a aprender e a continuar em um curso de educação à distância. Pois o propósito dessa pesquisa é analisar e refletir sobre as ideias existentes acerca do conceito de afetividade verificando as possíveis contribuições para o processo de aprendizagem, desses alunos. Para isso, procura-se resposta dos seguintes questionamentos: O que é afetividade? Quais as contribuições da relação afetiva para o processo da aprendizagem em um curso a distância?

Para tal esclarecimento objetivou-se analisar as principais obras educacionais e pedagógicas referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre essas contribuições. Para esse estudo buscou-se fundamentar nas ideias de pensadores como Piaget, Vygotsky, Wallon, entre outros.

Podendo assim com este trabalho contribuir com outros pesquisadores que buscam compreender como ocorre tal processo na educação à distância mostrando como a afetividade pode influenciar positivamente ao longo desse conhecimento online.

Nesse sentido buscou-se uma compreensão por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de identificar benefícios que contribuem no ambiente de estudo e que favorece a afetividade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A elaboração desta pesquisa partiu do pressuposto de conhecer e entender as influências da afetividade, no processo de aprendizagem, na educação à distância com a finalidade de saber como esse processo contribui para que os alunos se sintam valorizados, acrescentando um incremento à autoestima que pode favorecer a aprendizagem. “Na teoria walloniana a afetividade é o ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo e o seu crescimento parte de uma sociabilização sincrética para uma individualização psicológica”. (ALMEIDA, 1999, p. 44)

Nesse sentido, com o presente trabalho buscou-se uma compreensão por meio de pesquisa bibliográfica em obras consagradas na literatura, seja em livros, publicações em periódicos, artigos científicos publicados em sites da internet e banco de dados, no sentido de confrontar teorias diferentes para uma melhor compreensão do tema a fim de se identificar benefícios que contribuem num ambiente de estudo que favoreça a afetividade. Trata-se de uma pesquisa explicativa dada a sua natureza de síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo. Para esse estudo buscou-se fundamentar-se nas ideias de pensadores como Piaget, Vygotsky, Wallon, entre outros.

Objetivou-se primeiramente compreender a relação afetiva entre tutores e alunos no processo de aprendizagem na educação à distância. Para isso percebeu-se a necessidade de buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas, como as de Piaget, Libâneo, Vygotsky e de Wallon, referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem e elencar pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre tutores e alunos para o processo de aprendizagem.

Entendeu-se que a mudança acelerada que marcou o final do século passado transformou as relações humanas e com isso a afetividade vem suscitando cada vez mais interesse e estudos. Para isso buscou-se primeiramente analisar os conceitos tidos há muito como opostos, a razão e a emoção. Definidos os conceitos, refletiu-se sobre as contribuições da afetividade no processo educativo. Diferenciando as modalidades de ensino, presencial, semipresencial e a distância, buscou-se também traçar uma linha do tempo com os principais eventos que trouxeram a modalidade

EAD até os dias de hoje. Abordando os conceitos de ludicidade e afetividade, tendo como pano de fundo o sistema virtual de aprendizado utilizado, buscou-se ainda compreender e explicar como se dão essas relações e quão relevantes são as estratégias utilizadas nos processos de ensino e aprendizagem na EAD atual.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 RAZÃO E EMOÇÃO

Durante a história da humanidade, na tentativa de explicar o mundo que nos cerca e o universo que existe em cada um de nós, muitos foram os filósofos, teóricos, religiosos, enfim, diversas pessoas de todos os seguimentos da sociedade mundial que tentaram, ao seu modo e conforme influências recebidas no seu tempo, formular ideias definitivas sobre quem somos entre outros milhões de questionamentos ainda não respondidos.

Na tentativa de entender o ser humano, um dos questionamentos que geravam e geram ainda muitas discussões, ao menos analisando o senso comum, é a bipolaridade do ser: razão e emoção.

Na antiguidade os filósofos e psicólogos entendiam que a inteligência e as emoções (expressões afetuosas e sentimentais) estavam dissociadas. Para Vasconcelos (2003, *apud* ARANTES, 2003, p.1, *apud* MARTINS, 2005, p.15), “não é recente a discussão sobre o papel da afetividade na constituição da subjetividade humana. A relação entre razão e emoção foi motivo de aquecidos debates envolvendo filósofos”.

Durante muito tempo, os maiores pensadores, como Descartes; Leibniz; Espinosa; Kant; Fechner; Eurípedes entre outros além de acreditarem na separação entre razão e emoção, os atribuíam ao cérebro e ao coração respectivamente. Segundo Martins, 2005, “até o início do século XX tal concepção foi mantida[...] e até hoje há uma corrente da psicologia, [...] que persiste na tese de que cognição e afetividade são instancias dissociadas”. (MARTINS, 2005, p. 15). Entretanto este não é o pensamento mais aceito na comunidade científica há um bom tempo.

Piaget já dizia que, “não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos”. (MARTINS, 2005, p. 16). Numa analogia simples o autor define como essas duas características do ser humano são integradas e correlacionadas, quando diz que “a afetividade (emoção) seria como a gasolina”., que ativa o motor (razão) de um carro, mas não modifica

sua estrutura. Assim, coloca a emoção como ponto de partida, motivo da razão entrar em funcionamento. (MARTINS, 2005)

Vygostky defende a mesma ideia quando afirma que,

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Diz-se que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm certa relação com nossos pensamentos. (VYGOSTY, 1996, *apud* MARTINS, 2005).

A mesma ideia de relação intrínseca entre razão e emoção é defendida por autores como Wallon, Leme, Oliveira, Rego, Souza, Galvão, Moreno, Bovet, Sastre *et. al*, Santi e Viscott, que descrevem em seus estudos a importância da afetividade nas ações do educador. (MARTINS, 2005).

Abreu (2006), diz que para se conseguir argumentar de forma a atingir o objetivo de trazer benefício mútuo para ambos os lados, ou mesmo para obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, deve-se haver um equilíbrio obrigatório entre razão e emoção, se por um lado é indispensável conhecer o outro, seus posicionamentos, ter conhecimento de várias fontes possíveis no sentido de se obter uma quantidade e qualidade de informações adequadas para construir uma tese que responda a determinado problema, é essencial saber persuadir, saber dosar a quantidade correta de ideias e emoções para se atingir o objetivo proposto. Só assim será possível traduzir “nossa verdade dentro da verdade do outro”. (ABREU, 2006, p. 10).

Pimentel Junior (2010) em linha de pensamento similar à de Abreu (2006) citada anteriormente, argumenta em seu estudo a relação dada entre razão e emoção, mas traz o foco desse pensamento para o campo político. Segundo o autor a política faz uso das estratégias que visam atingir a pessoa, o eleitor ou súdito conforme o local e contexto histórico, levando em conta suas dimensões emocional e racional desde a antiguidade. Do uso da retórica dos gregos, carregada de emoção, passando por Maquiavel no século XV, depois Weber entre os séculos IXX e XX quem defendiam o uso e poder do carisma como “capacidade de dominação política por meio de atributos inerentes e excepcionais que estimulam a adoração às lideranças políticas” (PIMENTEL JUNIOR, 2010, p. 02).

Sob o olhar evolucionista Oliva *et. al.*, (2006) relatam em seu estudo que, conforme a época, perspectiva e contexto histórico, os cientistas ocupados em entender o ser humano esquadriavam o ser em pequenas partes, cada uma composta por um determinado aspecto, como a cultura aprendida, os fatores biológicos, psicológicos, neurológicos, emocionais e racionais. O estudo da mente, no entanto não era considerado possível, mas sim outros fenômenos como as ações e comportamento humanos poderiam ser observados. Para Mithen (1996/1998, *apud OLIVA et. al.*, p. 04), foi justamente a mudança de uma mentalidade especializada para generalizada que caracterizou o passo fundamental para a mente moderna.”.

O autor reflete sobre o pensamento acerca da mente humana, colocando metaforicamente a figura do canivete suíço para o pensamento antigo, do ser humano anterior ao atual. Já no homo sapiens a figura que melhor representaria a complexidade do ser seria a da catedral, “com uma nave central comunicando-se com diversas capelas laterais adjacentes” (MITHEN 1996/1998, *apud OLIVA et. al.*, 2006, p. 05). Nesse ponto de vista o homem não mais pode ser considerado apenas por uma dimensão, ou seja, não há como dissociar uma característica, um aspecto de outro, sendo que tudo o que compõe o ser relaciona-se por estar intrinsecamente ligado ao todo que o compõe. (OLIVA *et. al.*, 2006).

3.1.1 A Afetividade e a Aprendizagem

O mundo hoje vive um paradoxo: temos acesso a uma imensa gama de informações de maneira quase irrestrita e ao mesmo tempo o saber individual parece cada vez mais raso na maioria das pessoas. Não parece existir uma forma simples de filtrar as informações, pois a cada minuto milhares de novos textos, vídeos, entre outros formatos, são inseridos no mundo virtual, somando isso às mídias anteriores como a televisão, o rádio, o jornal escrito e a revista, só para citar alguns exemplos, percebe-se a dimensão que a propagação de informações tomou nos últimos tempos, o que infelizmente não reflete diretamente no ganho de conhecimento da população.

Uma das respostas possíveis a esses questionamentos parece estar ligada a maneira como as pessoas recebem estas informações, ou seja, não basta ler ou ver algo, esse conhecimento precisa “tocar” o indivíduo, precisa se ajustar ao que ele já conhece, levando em conta seus conhecimentos prévios, capacidades e habilidades desenvolvidas, mas essencialmente precisa causar algum prazer naquele novo saber, naquele despertar para um novo conhecimento específico. Nesse sentido, atualmente há uma grande discussão sobre o valor afetivo na vida do ser humano, e no desenvolvimento da aprendizagem o que despertou o interesse em saber se esse é realmente um dos motivos que estimula o sujeito a aprender e a continuar em um curso de educação à distância. Pois o propósito dessa pesquisa é analisar e refletir sobre as ideias existentes acerca do conceito de afetividade. Verificando as possíveis contribuições para o processo de aprendizagem, desses alunos.

Primo (2003, *apud* TIJIBOY; PEREIRA; WOICIECHOSKI, 2009), com base na epistemologia genética, “defende que o conhecimento não se encontra totalmente determinado pela mente individual. Isto é, que o conhecimento não parte nem do sujeito, nem do objeto, mas de interações entre sujeito e objeto e pelos estímulos externos”.

Segundo Tijiboy, Pereira e Woiciechoski (2009), “a teoria piagetiana, pode-se dizer que ajuda a descobrir o que interessa e mobiliza o aluno valorizando o seu processo de aprender é uma iniciativa afetiva que traz a possibilidade de um aprendizado mais significativo.” (TIJIBOY; PEREIRA; WOICIECHOSKI, 2009, p. 03).

Vygotsky (1993, p. 25, *apud* TIJIBOY; PEREIRA; WOICIECHOSKI, 2009) trata esse assunto dizendo que separar tais dimensões (afeto e cognição) é como não ver o ser humano completo, alertando para as repercussões desse enfoque que considera equivocado:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento porque uma análise determinista pressupõe descobrir os motivos, a necessidade e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. (TIJIBOY; PEREIRA; WOICIECHOSKI, 2009).

Para se compreender o efeito do afeto no desenvolvimento pessoal, considera-se necessário conceituar o termo, verbete fundamental nesse estudo. O dicionário Michaelis, em sua versão digital, traz a seguinte definição:

sf (afetivo+i+dade) 1 Faculdade afetiva; qualidade de quem é afetivo. 2 Capacidade de exprimir-se na linguagem a emoção que nos despertam as ideias enunciadas, bem como a de despertar nos outros idêntica emoção. 3 Psicol Suscetibilidade a quaisquer estímulos ou disposição para receber experiências afetivas; o estudo dessas experiências. (MICHAELIS, 2013).

Monte-Serrat (2007 *apud* TIJIBOY; PEREIRA; WOICIECHOSKI, 2009), por sua vez, traz a definição de afetividade do dicionário de filosofia (Abbagnano):

Entende-se com esse termo, no uso comum, as emoções positivas que se referem a pessoas e que não têm o caráter dominante e totalitário da paixão. Enquanto as emoções podem se referir tanto a pessoas quanto a coisas, fatos ou situações, os afetos constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais, limitando-se à tonalidade indicada pelo adjetivo “afetuoso”, e que, por isso, exclui o caráter exclusivista e dominante da paixão. Esta palavra designa o conjunto de atos ou atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc., que, no seu todo, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou à preocupação de que foi objeto.

Para Almeida (1999, p.44), “na teoria walloniana a afetividade é o ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo e o seu crescimento parte de uma sociabilização sincrética para uma individualização psicológica”.

“Piaget, Wallon e Vygotsky mostram que o conhecimento se dá a partir do sujeito em sua ação no mundo e conferem a esse processo sujeito-mundo uma dialeticidade ímpar nas teorizações sobre como conhecê-lo.” (PEREIRA, 2012, p. 02).

Tiba (1996), afirma que as dimensões cognitiva, afetiva e motivacionais são as que nos tornam quem somos seres humanos. “A dimensão cognitiva, constituída pelos conteúdos do conhecimento, da memória, do pensamento abstrato, dos processos mentais e da capacidade de julgamento” pode ser alterado o tempo todo, desde que haja uma interação com um novo conhecimento, por exemplo, que pode mudar um julgamento, uma forma de ver o mundo. Do mesmo modo, segundo o autor “um novo exercício intelectual enriquece o pensamento abstrato. Mais informações enriquecem a memória e possibilitam o aperfeiçoamento do raciocínio. Tudo isso é o que se consegue com o estudo.” (TIBA, 1996, p. 113).

Segundo Tiba (1996, p. 113)

A dimensão afetiva inclui nossas emoções e as sensações básicas e instintivas. Quanto mais informações uma pessoa recolher e quanto mais

apta estiver a refletir sobre o que sente, maior será sua capacidade de dominar uma reação agressiva e de responder adequadamente a estímulos e desafios externos. O estudo, na medida em que nos fornece informação, conhecimento e matéria de reflexão, interfere diretamente no nosso comportamento diário.

A dimensão motivacional segundo o autor é enfim a que nos leva a agir, a saber, a sentir, querer fazer e a amar. Tudo aquilo que não entendemos não conseguimos gostar, seja música, determinada disciplina, ferramenta tecnológica ou mesmo uma pessoa. Quando isso ocorre, determinada dificuldade em aprender determinado tema pode vir disfarçado em conhecimento já adquirido ou menos importante. Quando as relações entre as dimensões ocorrem satisfatoriamente à busca o desafio de aprender leva a motivação de se estudar mais e quanto maior for a motivação, mais facilmente aprenderemos. (TIBA, 1996).

A atenção especial à afetividade e a sua importância na vida do ser humano para os primeiros momentos da vida Tiba (1996) diz que enquanto a mãe alimenta o filho com o leite o pai deve participar afetivamente, pois enquanto o leite alimenta o corpo o afeto alimenta a alma. “Uma criança abandonada afetivamente tem autoestima baixa e procura garantir-se por meio da exigência da saciedade dos seus mínimos desejos.” (TIBA, 1996, p. 41). Na vida adulta a pessoa que mascara o conflito afetivo acaba por não desenvolver adequadamente o uso da razão, “vivendo no estilo animal de vida”.

Segundo Oliveira (2009), o aprendiz é por natureza um ser cognoscente, ou seja, todo ser humano ao aprender o faz pelas dimensões do racional, do afetivo e relacional, o que o torna também um ser pluridimensional. Segundo o autor essas três dimensões são regidas pelo desejo, realidade, autonomia e determinação.

Assim como o ser pode ser considerado pluridimensional e cognoscentemente, ao se considerar os termos que fundamentam esse conceito, que definem o ser, ou seja, o afeto ou afetividade, a cognição e interacionismo deve-se observar fatores como os sentimentos subjetivos, as suas expressões, níveis e significados.

Em seu estudo, Oliveira (2009, p. 03) observa que há uma corrente de pensamento defendida por autores como Mahoney e Almeida (2005) e Damásio (1996) que considera a emoção como um fator biológico, um “estado afetivo que comporta as diversas sensações de prazer/desprazer”, já o afeto abarca um sentido

mais amplo, “envolvendo as vivências individuais e as formas de expressão mais complexas do ser humano, uma das quais é a linguagem”.

“O termo cognição é empregado para identificar o conjunto de processos mentais que participam na aquisição do conhecimento, na percepção do mundo (e de nós mesmos) e de como esse mundo é representado” (LONGHI *et. al.*, 2009 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 03).

Mas embora haja uma divisão na conceituação, não é possível imaginar umas dessas características desassociadas das outras, visto que “cognição e afetividade têm parcelas igualmente importantes na aprendizagem”. (LONGHI *et. al.*, 2009 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 03).

Vygotsky nos apresenta uma abordagem unificadora das dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico do ser humano. Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, buscou no desenvolvimento da linguagem - sistema simbólico básico de todos os grupos humanos - os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo. A afetividade atua na construção das relações do ser humano dentro de uma perspectiva social e cultural. É na linguagem que se constituem e se expressam os modos de vida culturalmente elaborados. (OLIVEIRA, 2009, p. 05).

Wallon compartilha do mesmo ponto de vista de Vygotsky quando diz que há “uma relação estreita entre afetividade e inteligência”, havendo uma clara integração entre as duas. “A evolução da afetividade depende das conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa”. (OLIVEIRA, 2009, p. 05).

O autor descreve a evolução da vida de criança até a vida adulta sob esta perspectiva quando diz que na infância existe a afetividade somática, que necessita da presença física de parceiros. Essa fase pode ser ilustrada pelo gesto da “mãe que ao abrir os braços para receber um bebê que dá seus primeiros passos, expressa com gestos a intenção de acolhê-lo e ele reage caminhando em sua direção.” (SALLAS, 2011). É uma fase predominantemente afetiva, sendo as emoções o principal instrumento de interação com o mundo.

Em seguida na puberdade a afetividade torna-se categorial, tendo a linguagem oral e escrita assumida um papel central na valorização da vinculação afetiva, surgindo o respeito recíproco, justiça e igualdade de direitos nesse processo. Há de se destacar que num momento imediatamente anterior a esse, uma característica do ser que é a de consciência do eu diferente do outro se apresenta, numa linha de pensamento semelhante ao de Piaget quando menciona que dos 2

aos 6 ou 7 anos na fase determinada por ele como pré-operatória, o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, a emergência da linguagem (TERRA, 2005)

Wallon afirma que por fim “a pessoa deverá conhecer melhor suas possibilidades, limitações, pontos fortes, motivações, valores e sentimentos, criando possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida.” (OLIVEIRA, 2009, p. 06).

Piaget foi um dos autores que mais buscou em sua vida compreender como o homem aprende. Embora sua teoria tenha sido aplicada largamente na educação infantil (devido principalmente a classificação do aprendizado por estágios), seu questionamento era acerca do desenvolvimento humano como um todo qual são os processos e etapas que passamos para atingir determinada maturidade em toda a vida. Nesse sentido ele entendeu que conhecimento cresce e se organiza dentro de cada um conforme o contato que tem com o mundo externo, nesse processo ao observar certo dado a pessoa assimila aquela nova informação e a acomoda em suas estruturas mentais. Algumas informações são de fácil assimilação, gerando poucos conflitos na tentativa de se entender e outros já exigem mais da pessoa, dependendo do que ela já aprendeu durante a vida, bem como suas habilidades e talentos.

Piaget, segundo La Taille (2006), diz que “se não houver interação social, se não houver demanda do meio social, se não houver comunicação, não vai haver desenvolvimento”. Ou seja, deve se considerar a pessoa, em todas as suas fases com suas peculiaridades, bem como o contato com o mundo exterior e como ele ocorre. Esse processo vai ser guiado pela motivação, pelo interesse e pela necessidade. Se no estágio sensório-motor, dos 0 aos 24 meses trata-se de sentimentos simples e instintivos, dos 2 aos 6 anos acresce-se o sentimento intencional munido de linguagem e representação simbólica do real, do mundo que a cerca. Dos 7 aos 11, aliado à construção do pensamento lógico, a criança passa a ter necessidade de participar de projetos, de decisões coletivas e de argumentar, gerando então o princípio da cooperação. Dos 12 em diante o afeto, seguindo um padrão comum, está então relacionado aos ideais, as causas que integram o todo e a todos.

Considerado o pensamento piagetiano, outro ponto a ser assimilado nesse estudo é a teoria de Wygotzky que promove a diferenciação entre sentido e

significado diante de um termo. Se significado segundo o autor “refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, constituindo um núcleo relativamente estável para sua compreensão, compartilhado pelas pessoas que a utilizam” o sentido por sua vez “é instável, é o significado pessoal da palavra, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo.” (OLIVEIRA, 2009, p. 05).

Desse modo, um mesmo texto ou palavra pode ter significado diferente dependendo do contexto e de quem a lê. Considerando que na educação a distância qualquer membro dessa comunidade acadêmica é essencialmente palavra escrita e lida é extremamente importante considerar como qualquer palavra pode afetar positivamente ou negativamente quem está do outro lado da tela. Se professor, deve-se refletir como determinada atividade vai proporcionar aprendizado ou não. Se o enunciado é consideravelmente claro. Se sua influência é mais pertinente num fórum aberto a todos ou se apenas em mensagens particulares.

O aluno por sua vez, no apoderamento desse espaço educacional digital, reconstrói sua personalidade e relação de grupo por meio de suas palavras e participação nos ambientes virtuais, gerando uma imagem mental do campus, dos outros alunos, dos professores e de si mesmo para os outros.

Paloff e Pratt (2004, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 06), afirmam que professores e alunos desenvolvem uma ‘personalidade eletrônica’, cuja existência depende de algumas habilidades que as pessoas envolvidas devem ter como: saber elaborar um diálogo interno para formular respostas; elaborar um conceito interno de privacidade; lidar com questões emocionais sob a forma textual; criar imagem mental dos parceiros durante o processo de comunicação e ainda criar uma sensação de presença online por meio da personalização do que é comunicado.

Libâneo (2002, p. 10) diz que “o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades intelectuais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos”. Nesse sentido o professor utiliza-se de ferramentas para chegar a seu objetivo, ou seja, ensina na perspectiva de desenvolver.

Competências e habilidades de observar a realidade, perceber as propriedades e características do objeto de estudo, estabelecer relações entre um conhecimento e outro, adquirir métodos de raciocínio, capacidade de pensar por si próprios, fazer comparações entre fatos e acontecimentos, formar conceitos para lidar com eles no dia-a-dia de modo que sejam instrumentos mentais para aplicá-los em situações da vida prática. (LIBÂNEO, 2002, p. 10).

Embora, num primeiro momento, o conceito do autor parece ater-se principalmente a postura e método utilizados pelo professor, Libâneo (2002) esclarece que o ensino deve ocorrer pela ótica do sócio-construtivismo, ou seja, deve-se entender essa atividade como uma situação de ensino e aprendizagem conjunta, “uma relação social entre professor e alunos frente ao saber” (LIBÂNEO, 2002, p. 10). Desse modo tudo o que for construído será a partir dessa relação entre ambos, seja conhecimento, métodos de estudo e mesmo afetividade.

Sob esse prisma o professor não é um detentor de conhecimentos, não é um substituto do livro e nem pode ser substituído por ele ou por qualquer outra ferramenta tecnológica. Portanto o exercício da docência não se traduz em conteúdo, ou se assim for não será efetiva, será um processo em que o livro é o que mais ensina o professor o que aprende e o aluno estará perdido nesse meio. No ambiente virtual, um professor que meramente postar conteúdos e propor fóruns ou atividades sem construir uma relação de empatia com seu alunado dificilmente conseguirá bons resultados. (LIBÂNEO, 2002).

Todas as dimensões do aluno devem ser consideradas pelo professor, e o mesmo de ocorrer na via oposta. O professor também precisa ser visto antes como pessoa, como ser dotado de emoções, de necessidade de estímulo e motivação, e assim sendo mesmo a construção dos laços afetivos devem ser sociais. No entanto, o professor é o condutor desse processo, é quem estabelece os momentos em que tais situações podem ocorrer, quando e como oportunizar situações e meios de se atingir esse objetivo, seja em sala de aula presencial ou virtual.

No mínimo, põe-se a necessária articulação entre o cognitivo, o social e o afetivo. O aspecto cognitivo diz respeito ao processo de aprendizagem de conhecimentos, procedimentos, valores. Mas os alunos são, também, sujeitos concretos, condicionados por culturas particulares e origem social, portadores de saberes de experiências. [...] O professor precisa conhecer e compreender motivações, interesses, necessidades de alunos diferentes entre si [...] aprender procedimentos, técnicas, meios, de tornar as experiências de sala de aula (de ensino e aprendizagem) mais agradáveis, mais prazerosas. Isso implica conversar mais com alunos, deixá-los falar, expor seus sentimentos, seus desejos. (LIBÂNEO, 2002, p. 74).

Outro fator destacado por Oliveira (2009) é o público que a EAD atende, ou seja, o público adulto. Não se trata, portanto de uma criança ou adolescente em formação, mas um ser dotado de experiências de vida, estabelecimento de metas para o estudo e trabalho baseados em perspectivas atuais, não de um futuro

distante imaginado. Por outro lado também é um público que apresenta mais dificuldades ao lidar com as novas TICs, o que pode ser um fator complicador na proposta da EAD.

Oliveira (2009), Bonatto *et. al.*, (2008), Palloff e Pratt (2004) e Bruno (2008) enfatizam em seus estudos a afetividade e o vínculo afetivo e emocional como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem na educação à distância e especialmente no ambiente virtual. Para Bonatto *et. al.*, (2008, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 06), “isto pode ser feito através da motivação das pessoas envolvidas; do fortalecimento de laços afetivos para a superação de desafios; do reconhecimento e valorização aberta das emoções e lições aprendidas.”.

Palloff e Pratt (2004, *apud* OLIVEIRA, 2009, p.07) apontam também algumas características do aluno online, como o acesso e habilidades, abertura, comunicação, comprometimento, colaboração, reflexão e flexibilidade, que podem ser exploradas pelo tutor através de técnicas específicas, para ajudá-lo a entender a importância do seu papel na formação da comunidade e na criação de vínculos. Isto faz parte da função orientadora da tutoria.

Segundo Souza e Sousa (2008 *apud* OLIVEIRA, 2009), a turma de alunos do campus, composta pelos polos locais, quando no ambiente virtual, envolvem-se pelo processo dialógico-discursivo aprendendo a ouvir os outros, expondo-se, aceitando ou divergindo dos diversos pontos de vista ali colocados. “Neste processo a afetividade é estimulada, fazendo com que cada participante se sinta parte do grupo e motivado a permanecer no processo.” (SOUZA; SOUSA, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 08).

3.2 MODALIDADE EAD

A modalidade EAD, Educação a Distância, em nosso país efetivado a partir da implementação das novas tecnologias de informação e comunicação, da condição de distanciamento físico entre professor e aluno, tida a princípio como a tão esperada democratização do ensino superior para uns e fracasso do ensino formal para os mais céticos e tradicionalistas, teve seu início ainda no século XVIII (VASCONCELOS, 2010; GOLVÊA; OLIVEIRA, 2006, *apud* ALVES, 2011, p. 04). A

autora estabeleceu em seu estudo uma linha do tempo que demonstra a evolução e propagação desta oferta de ensino:

- 1728 - marco inicial da Educação a Distância: é anunciado um curso pela Gazeta de Boston, na edição de 20 de março, onde o Prof. Caleb Philipps, de Short Hand, oferecia material para ensino e tutoria por correspondência. Após iniciativas particulares, tomadas por um longo período e por vários professores, no século XIX a Educação a Distância começa a existir institucionalmente.
- 1829 – na Suécia é inaugurado o Instituto Líber Hermondes, que possibilitou a mais de 150.000 pessoas realizarem cursos através da Educação a Distância;
- 1840 – na Faculdade Sir Isaac Pitman, no Reino Unido, é inaugurado a primeira escola por correspondência na Europa;
- 1856 – em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina os professores Charles Toussaine e Gustav Laugenschied para ensinarem Francês por correspondência;
- 1892 – no Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, é criada a Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes;
- 1922 – iniciam-se cursos por correspondência na União Soviética;
- 1935 – o Japanese National Public Broadcasting Service inicia seus programas escolares pelo rádio, como complemento e enriquecimento da escola oficial;
- 1947 – inicia-se a transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, França, por meio da Rádio Sorbonne;
- 1948 – na Noruega, é criada a primeira legislação para escolas por correspondência;
- 1951 – nasce a Universidade de Sudáfrica, atualmente a única universidade a distância da África, que se dedica exclusivamente a desenvolver cursos nesta modalidade;
- 1956 – a Chicago TV College, Estados Unidos, inicia a transmissão de programas educativos pela televisão, cuja influência pode notar-se rapidamente em outras universidades do país que não tardaram em criar unidades de ensino a distância, baseadas fundamentalmente na televisão;
- 1960 – na Argentina, nasce a Tele Escola Primária do Ministério da Cultura e Educação, que integrava os materiais impressos à televisão e à tutoria;
- 1968 – é criada a Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional que pertence a 12 países-ilhas da Oceania;
- 1969 – no Reino Unido, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
- 1971 – a Universidade Aberta Britânica é fundada;
- 1972 – na Espanha são fundadas a Universidade Nacional de Educação a Distância
- 1977 – na Venezuela, é criada a Fundação da Universidade Nacional Aberta;
- 1978 – na Costa Rica, é fundada a Universidade Estadual a Distância;
- 1984 – na Holanda, é implantada a Universidade Aberta;
- 1985 – é criada a Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência;
- 1985 – na Índia, é realizada a implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi;
- 1987 – é divulgada a resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Europeia;
- 1987 – é criada a Fundação da Associação Europeia de Universidades de Ensino a Distância;
- 1988 – em Portugal, é criada a Fundação da Universidade Aberta;

- 1990 – é implantada a rede Europeia de Educação a Distância, baseada na declaração de Budapeste e o relatório da Comissão sobre educação aberta e a distância na Comunidade Europeia. (ALVES, 2011, p. 05)

Todos esses acontecimentos e instituições foram importantes para a consolidação da Educação a Distância, oferecida atualmente em todo o mundo. Hoje, mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam a Educação a Distância em todos os níveis de ensino, em programas formais e não formais, atendendo milhões de estudantes (GOLVÊA; OLIVEIRA, 2006, *apud* ALVES, 2011).

No Brasil, os dados registrados da EAD mostram que a implementação dessa modalidade por aqui é tardia em relação ao mundo, já que segundo a literatura, remontam ao século XX. Outro ponto a se destacar é o surgimento do Instituto Universal Brasileiro, atuante ainda nos dias de hoje, foi iniciado apenas em 1941 e não foi o primeiro instituto a trabalhar nesse segmento. (MAIA; MATTAR, 2007; MARCONCIN, 2010; RODRIGUES, 2010; SANTOS, 2010, *apud* ALVES, 2011, p. 05).

- 1904 – o Jornal do Brasil registra, na primeira edição da seção de classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo;
- 1923 – um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Tinha início assim a Educação a Distância pelo rádio brasileiro;
- 1934 – Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio–Escola Municipal no Rio, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
- 1939 – surgimento, em São Paulo, do Instituto Monitor, o primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes à distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor;
- 1941 – surge o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer também cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de 4 milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos; juntaram-se ao Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasileiro outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimento de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante à distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944.
- 1947 – surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961,

entretanto a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;

- 1959 – a Diocese de Natal, Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal utilizou-se inicialmente de um sistema rádio educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos;
- 1962 – é fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica;
- 1967 – o Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio;
- 1970 – surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980;
- 1974 – surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores;
- 1976 – é criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional;
- 1979 – a Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância, no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD) e lançado o Brasil EAD;
- 1981 – é fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo-Americano que oferecia Ensino Fundamental e Médio à distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias mudem-se temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro;
- 1983 – o SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”;
- 1991 – o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto tem início e em 1995 com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país;
- 1992 – é criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento bastante importante na Educação a Distância do nosso país;
- 1995 – é criado o Centro Nacional de Educação a Distância e nesse mesmo ano também a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995, foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;
- 1996 – é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, embora somente regulamentada em 20 de dezembro de 2005 pelo Decreto n° 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos n° 2.494 de 10/02/98, e n° 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria

Ministerial nº 4.361 de 2004 (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

- 2000 – é formado a UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da Educação a Distância, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), com a assinatura de um documento que inaugurava a parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.
- 2002 – o Cederj é incorporado a Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).
- 2004 – vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Pro Letramento e o Mídias na Educação. Estas ações conflagraram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil.
- 2005 – é criada a Universidade Aberta do Brasil, uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.
- 2006 – entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade à distância (BRASIL, 2006).
- 2007 – entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007).
- 2008 – em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial.
- 2009 – entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação in loco e deu outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009).

Ao analisar a linha do tempo de Alves, (2011), observa-se que simples projetos foram desencadeando-se num sistema complexo que hoje abarca todo o nosso país, seja em relação ao alcance das universidades e dos cursos de uma ponta à outra do país, ou pela legislação que hoje existe que regula essa modalidade de ensino juntamente com todas as outras que compõem o sistema de educação no país, com destaque a LDB 9394/96. Projetos bem sucedidos ou permanecem até hoje como são os casos do Instituto Universal Brasileiro e do SENAC, ou deram origem a novos projetos pelas experiências realizadas previamente como foi o caso da Universidade Aberta do Brasil.

Entre os críticos da EAD, Gomes (2013), ressalta que:

A Educação a Distância (EaD) no Brasil foi criada e se desenvolveu por meio de iniciativas privadas e decretos governamentais, cumprindo uma trajetória que acompanha a introdução e o crescimento de cada tecnologia no país. [...] O discurso da democratização do ensino tem-na transformando, por vezes, em fetiche para a solução quase mágica dos problemas educacionais e, ultimamente, a EaD tem representado um papel

importante também na expansão do ensino superior privado, pois tem sido utilizada para ampliar consideravelmente o número de alunos, baratear os custos e maximizar os lucros. (GOMES, 2013)

Lemgruber, (2012, *apud* GOMES, 2013) argumenta que “a denominação ‘modalidade’ nos leva a refletir se a mediação tecnológica dos processos de ensino e aprendizagem significaria dizer que o meio é que determinaria a relação pedagógica e que os recursos pedagógicos é que ditariam a ação docente”. Esse fator em especial abre margem para a reflexão sobre o papel do aluno e o do professor enquanto seres humanos nessa relação intrínseca ao ensino, seja ela EAD ou presencial, enfatizando a necessidade da afetividade ao longo do processo, sendo ela a facilitadora e mesmo condutora dos processos de ensino e aprendizagem.

3.2.1 Afetividade na Modalidade EaD

A educação à distância, EAD, está diretamente ligada ao acesso às TICs (tecnologias de informação e comunicação) pela população, dando assim possibilidade de acesso ao mundo digital e globalizado próprios desta era, a era da informação. Este acesso dá, ao aluno autônomo, ou seja, neste contexto, um aluno independente, capaz de se organizar, realizar suas tarefas, cumprir seus prazos sem que haja alguém fisicamente presente.

Este fator, de aparente solidão e isolamento vem levando muitas pessoas no dia-a-dia, ou em debates televisivos a questionar-se sobre o tema, sobretudo a questionar toda a estrutura EAD. Conforme destaca Ferreira e Acioly-Régnier, (2010, p. 02) a teoria de Henri Wallon no que concerne à educação e a relação interpessoal, “engloba em um movimento dialético a afetividade, a cognição e os níveis biológicos e socioculturais e também traz contribuições para o processo ensino-aprendizagem”, sendo que, conforme, Ferreira e Acioly-Régnier, (2010, p. 02 *apud* SOUZA, 2011) “as emoções podem inicialmente criar operações cognitivas que permitirão a construção do conhecimento” pode, a educação, formal, na modalidade EAD, efetivar-se, considerando a interação homem-máquina-homem, como cada

indivíduo presente num tempo e espaço específicos e separados (isolados), não havendo talvez socialização, aproximação e tampouco afetividade?

Nesse caminho, França *et. al.*, (2012), realizou uma revisão bibliográfica de publicações nacionais, entre 1999 e 2009, nas bases de dados SciELO, Lilacs, PsycINFO, BVS e Google Acadêmico, no intuito de compreender as contribuições da Psicologia para a educação à distância – EAD. Os autores constataram que,

Emoções, sentimentos, experiências sensíveis, medo, raiva e interações empáticas fazem parte das inter-relações no processo de educação a distância (LOPES; XAVIER, 2007; BERCHT, 2006 *apud* França *et.al.*, 2012). Assim, um dos grandes desafios a serem enfrentados pelas instituições provedoras de educação a distância refere-se mais a questões de ordem socioafetiva do que propriamente à conteúdos ou métodos. Nesse sentido, alguns modelos computacionais definidos como afetivos têm auxiliado no processo de ensino-aprendizagem em EAD. (FRANÇA *et. al.*, 2012)

Sendo assim, é necessária e possível à relação mais próxima e afetivamente dirigida entre instituição e aluno, via professores, tutores e plataformas bem desenvolvidas, estando o ensino diretamente ligado a estas premissas.

A partir de estudos feitos em Vygotsky (1993), Arroyo (2005), comunga da idéia de que o sujeito aprende e se desenvolve nas relações, entre os sujeitos, com o contexto e com o objeto a ser conhecido, mas fundamentalmente na qualidade e intensidade vivida pelos sujeitos nestas relações. Portanto, este é um aspecto fundamental no repensar a escola.

3.2.2 O Lúdico, Utilizado como Recurso na Aprendizagem

O ambiente virtual de aprendizagem utilizado no ensino superior EAD, conhecido como ambiente moodle ou AVA agrega grande parte dos cursos a distância, sendo que tanto as avaliações como seminários e teleconferências utilizam-se de outros meios para seus determinados fins, ainda assim, a maior parte do curso é realizada comumente no universo digital, onde o aluno encontra as orientações gerais dos cursos, *feedback* de suas atividades, boletins online, textos, vídeos e áudios direcionados, bem como tudo o que envolva sua atividade educacional específica.

O primeiro ponto a ser considerado, naquilo que poderá garantir sucesso às atividades é o desenvolvimento de conceitos e estratégias que estimulem a curiosidade, fazendo-se uso de intertextos, apresentação gráfica agradável, simples sem ser simplista, com objetivos claros e acompanhamento das resoluções dos exercícios propostos em tempo hábil.

Desse modo, essa modalidade de ensino, que mesmo nos moldes atuais que se utilizam as mais novas tecnologias, está fortemente ligado à modalidade presencial, no que concerne às concepções pedagógicas, metodologias, avaliações, atividades, entre outros, havendo em muitos casos apenas leves adaptações. Levando em conta que o que se espera da aplicação das novas tecnologias venham a modernizar a educação algo vem ocorrendo no sentido de retardar essa expectativa.

Nesse sentido cabe conceituar o termo lúdico, proveniente do latim ludus, significa diversão, prazer, entretenimento, entre outros significados similares, mas neste estudo atém-se a uma definição mais específica do termo em relação às atitudes e ações esperadas no âmbito escolar, desse modo ludicidade é a forma de se desenvolver a criatividade e os conhecimentos, através de jogos, música e dança (LAVORSKI; VENDITTI JUNIOR, 2008).

3.3 COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO EM UMA SALA VIRTUAL

A internet, nos dias atuais, tornou-se um veículo indispensável na vida de quase todas as pessoas, seja na vida profissional ou pessoal, para fins educacionais, funcionais, de lazer, entre outros, que acabam por confundirem-se, dado a difícil tarefa de separar cada segmento. Se a pessoa não usa internet, não está “conectada” ao mundo, sendo considerada atrasada em relação às pessoas desse tempo, da era digital. Navega-se pela internet por computadores, notebooks, tablets, celulares smartphones, TVs e mesmo videogames, aumentando-se cada vez mais as possibilidades e formas de acesso à internet no mundo.

Desse modo, hoje não há mais um público específico que esteja fora do mundo virtual. Temos os nativos digitais, os jovens adultos que viram o nascimento e

domínio da internet, os idosos, os deficientes visuais que utilizam de recursos como o teclado em Braille e/ou sistemas operacionais de computadores como o DOSVOX, lupas digitais ou físicas para a ampliação da tela do computador, entre outras ferramentas que possibilita o acesso a uma série de tarefas, gerando um nível alto de independência no estudo e no trabalho.

Entretanto o acesso ao mundo virtual não é feito ainda por todos no Brasil. Na verdade entre o fim do ano de 2012 e início de 2013, segundo o estudo realizado pelo Comitê Gestor da Internet, pela primeira vez o número de pessoas que já acessou a internet pelo menos umas vez é maior do que a quantidade de pessoas que nunca navegou na rede. São 28,1 milhões de domicílios com acesso à internet, somando áreas urbanas e rurais, o que representa mais de 80 milhões de brasileiros com acesso à rede mundial. Entre as barreiras de acesso destacam-se o preço elevado, a falta de disponibilidade e mesmo a falta de interesse do entrevistado pelo grupo do estudo. (CETIC, 2012).

Mesmo para os que têm acesso à internet, a navegação nem sempre é plena, ou seja, trata-se de um acesso limitado. Os números não dão conta de precisar quão percentual de usuários possui as habilidades básicas que podem levar ao apoderamento do conhecimento disponível na rede, seja ele específico ou não, mantendo assim grande parte dos internautas em “lugares comuns de acesso”.

As redes sociais parecem conseguir interligar todos esses públicos, desde os primeiros acessos. Utilizando de layouts visualmente simples, dinâmicos e atrativos, elas conseguem ligar pessoas de “universos” completamente distintos, no que concerne ao lugar onde vive à geração, aos interesses, às religiões, etc. Entre todas as partes, há, entretanto a necessidade comum de se comunicar de forma prazerosa e descompromissada de uma simples e eficaz, independentemente da hora e lugar que se esteja.

Ao chegar à universidade, mais especificamente nesse caso ao curso superior na modalidade à distância, o aluno, tendo grande ou pouca experiência com o uso da TICs, terá muito mais aprendizado caso encontre as mesmas qualidades de acesso notadas nas redes sociais. Vislumbra-se assim textos bem estruturados, participação coletiva, acesso ao professor, contato com toda a equipe técnica, diretora e pedagógica envolvida, conferindo um sentimento de participação maior do que aluno-máquina-professor.

Dorjó (2011) apresentou em seu estudo a experiência do ponto de vista epistemológico no que concerne ao tema, dado que esteve presente durante o processo de implementação e efetivação da modalidade ead na Universidade do Tocantins, atuando como professora e orientadora de 2001 a 2011. Segundo a autora, num processo crescente, a universidade precisou implementar uma mescla entre material impresso, televisivo e online para correto desenvolvimento das atividades relacionadas ao curso. Ainda assim, eram os ambientes virtuais que de fato propiciavam a interação entre os alunos e professores. O sistema era chamado então AVA, ambiente virtual de aprendizagem. Segundo Dorjó (2011, p.2) os ambientes virtuais são ferramentas que promovem a interação, cooperação, comunicação e motivação, permitindo, assim, a diversificação e potencialização das relações inter e intrapessoais na modalidade de ensino a distância. Ainda, fomentam a ampliação da capacidade de autoaprendizagem e aprendizagem colaborativa.

Os ambientes virtuais de aprendizagem são também conhecidos como sistema moodle, um acrônimo para “*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*”, que em tradução livre seria “Ambiente Dinâmico de Aprendizagem Orientada”. Ambos os termos (Moodle e AVA) remetem a outro termo em inglês, o *LMS – Learning Management System*, ou “Sistema de Gestão de Aprendizagem”. Na prática, todas essas nomenclaturas remetem ao mesmo conceito, ou seja, o processo de navegar de forma “irregular” por algo, enquanto, ao mesmo tempo, podem-se fazer outras coisas. Essa ideia quebra com a clássica linearidade do processo de ensino, dando ao aluno, por meio de hiperlinks, a autonomia necessária ao processo de aprendizagem, possibilitando a organização e acesso as informações conforme lhe for mais conveniente. (NUNES, 2012).

As instituições que utilizam as plataformas virtuais, as estruturam mais ou menos da mesma forma. O acesso é realizado por meio de login, cadastro online realizado nos primeiros momentos do curso a ser realizado. Há pouco conteúdo disponível para usuários não cadastrados e o conteúdo dirigido ao aluno é específico ao seu curso conforme datas pré-definidas. O acesso é definido conforme o papel do usuário, tendo assim permissões diferentes aos alunos, professores, técnicos, tutores, visitantes, etc. Há variadas formas de comunicação e interação de acordo com as possibilidades e intenções. Existem atividades síncronas e assíncronas conforme sua modalidade.

Independentemente da atividade inserida nesse contexto, o diferencial da ead está no fomento à autoaprendizagem e, sobretudo à aprendizagem coletiva.

Nesse espaço de significações, seres humanos e objetos técnicos interagem, influenciando-se reciprocamente, numa perspectiva de cooperação, o que possibilita o desenvolvimento da habilidade de “aprender a aprender”, de transformar os conhecimentos, mobilizando-os, quando necessário, em situações práticas do cotidiano, além de instrumentalizar as pessoas para lidar e acompanhar a contínua e acelerada transformação social. (DORJÓ, 2011, p. 02).

Mais do que informações, os sujeitos envolvidos nesses processos de ensino e aprendizagem, compartilham “ideias, interesses, cultura e sentimento” (DORJÓ, 2011, p. 02). Todos, ao escrever, o faz baseando-se em si mesmos, no que já aprenderam e como veem o mundo, mas também o fazem na expectativa do outro, escrevem pensando em seus leitores, ou possíveis leitores, mesmo nunca tendo visto seus colegas de classe presencialmente.

Há, portanto uma interação em todos os momentos, em todo o processo acadêmico, mesmo numa simples exposição de ideias em um fórum virtual, por exemplo. Considerando a “outra ponta” desses processos, quando cada um dos envolvidos assume o papel de leitor, o fará de maneira efetiva caso tenha afinidade com o conteúdo disposto. Essa afinidade será criada conforme as relações intra e interpessoais forem acontecendo. Para Dorjó (2011, p. 02) o certo é que a afetividade exerce grande influência na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e na ação, fatores responsáveis por irromper a motivação que influencia o processo ensino-aprendizagem, seja na EaD, sejam no presencial.

Um fator determinante nesse processo é a necessidade humana de pertencimento e de socialização, o que torna o aprender mais complexo e significativo. O aprendizado é individual, mas também é coletivo. Parte da apresentação e apropriação dos significados, mas exige a ressignificação pelo prisma pessoal de cada um. Em uma sala virtual todas essas questões são possíveis e dificilmente não ocorrerão desde que a instituição interligue as atividades e as avalie separadamente, não atribuindo notas apenas à avaliação escrita, como é hábito na educação tradicional. No entanto, não será só a avaliação responsável pelo vínculo do aluno ao sistema, embora seja ela uma importante ferramenta nesse processo.

Como acontece no ensino presencial, na EAD o aluno também tem professores e disciplinas preferidos. Estas preferências podem se der, tanto antes como durante os períodos de estudos. Elas dependem das habilidades e experiências positivas e negativas dos alunos durante as suas vidas até aquele momento de ingresso no curso. A partir dali, cabe à instituição, utilizando-se dos recursos à sua disposição, promover um ensino adequado ao seu público alvo. Um texto bem escrito, por exemplo, mostra muito mais do que competência do professor e equipe de apoio, pois evidencia um cuidado com o aluno que lerá esse material.

Oliveira (2009) analisou em seu estudo o efeito da afetividade em uma das ferramentas mais democráticas no ambiente virtual na EAD, o fórum. “É uma interface assíncrona, que funciona como um debate sobre uma temática estabelecida previamente no design pedagógico do curso online.” Ou seja, todos podem e devem participar, mas cada um faz conforme seu tempo e em local próprio, não necessariamente tendo de ir ao campus, ou polo, embora também haja esta possibilidade. “No fórum estabelece-se um fluxo de mensagens, nas quais os participantes podem expressar suas ideias a respeito do tema, discordar, refutar, reafirmar ideias postas pelos demais participantes.” (OLIVEIRA, 2009, p. 07).

A autora demonstra em seu estudo que no primeiro tópico dos fóruns a participação é massiva, tanto dos tutores como dos alunos. Esse fato se dá devido aos sentimentos de empolgação, ansiedade e disposição para participar. Os termos prazer e felicidade foram marcadamente utilizados nesses primeiros textos. Analisando fatores como valorização do outro, incentivo/elogio, abertura a novos questionamentos, uso ou não de expressões padronizadas, Oliveira (2009) constatou que havendo uma “participação fiel” da tutora online, no que tange à participação ativa, a aprendizagem colaborativa e expressões de apoio e estímulos trocadas entre os participantes o resultado pode ser bem positivo. Nesse contexto, alunos e tutores interagem, compartilham suas vivências, as dificuldades, necessidades de formação, criando um vínculo, um sentimento de pertencimento.

O fórum é, portanto “o espaço de todos para todos”, o lugar ideal para se confrontar refutar ou reafirmar ideias, defender e/ou construir novos pontos de vistas. É uma prática interativa, agrupando quem lê e escreve suas crenças, sabedorias, investigações e sentimentos na tentativa de se elucidar problemas dados pelos professores e tutores.

Faz-se necessário também nesse processo que a ludicidade vá além do discurso. Na mesma instituição e no mesmo curso encontramos diferenças significativas na apresentação do material de estudos aos alunos pela plataforma, assim como a escolha de atividades pode variar de maneira considerável. As Figuras 1 e 2 mostram a diferença de uma página pensada no seu aluno enquanto leitor e outra em que meramente foi transposto um conteúdo sem o cuidado e real interesse no aluno do outro lado da tela do computador.

Primeira Guerra Mundial (também conhecida como Grande Guerra ou Guerra das Guerras até o início da Segunda Guerra Mundial) foi uma guerra global centrada na Europa, que começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918. O conflito envolveu as grandes potências de todo o mundo,² que organizaram-se em duas alianças opostas: os Aliados (com base na Tríplice Entente entre Reino Unido, França e Império Russo) e os Impérios Centrais (originalmente Tríplice Aliança entre Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália; mas como a Áustria-Hungria tinha tomado a ofensiva contra o acordo, a Itália não entrou em guerra).³ Estas alianças reorganizaram-se (a Itália lutou pelos Aliados) e expandiram-se em mais nações que entraram na guerra. Em última análise, mais de 70 milhões de militares, incluindo 60 milhões de europeus, foram mobilizados em uma das maiores guerras da história.⁴ 5 Mais de 9 milhões de combatentes foram mortos, em grande parte por causa de avanços tecnológicos que determinaram um crescimento enorme na letalidade de armas, mas sem melhorias correspondentes em proteção ou mobilidade. Foi o sexto conflito mais mortal na história da humanidade e que posteriormente abriu caminho para várias mudanças políticas, como revoluções em muitas das nações envolvidas.

Figura 1 – Texto sobre Primeira Guerra Mundial.
Fonte: Adaptado de pt.wikipedia.org/wiki, 2013.

A imagem (Figura 2) traz por sua vez um exemplo do cuidado da equipe e do professor em relação ao aprendizado do aluno.

The infographic is titled "II GUERRA MUNDIAL" in a decorative banner. It is divided into several sections:

- SETEMBRO DE 1939 - A NOVA GUERRA:** Includes a small image of a soldier. Resources listed: Capa: *A invasão da Polónia*; O pacto nazi-soviético; Europeus em guerra; Blitzkrieg nazista; O ministro Goebbels; Entrevista: *Adolf Hitler*; Ponto de vista: *Neville Chamberlain*; Gente: *Charles Lindbergh, Winston Churchill, Albert Einstein, Ingrid Bergman, Werner von Fritsch*.
- JUNHO DE 1940 - A MARCHA NAZISTA:** Includes a small image of a soldier. Resources listed: Capa: *A queda da França*; A Itália na guerra; O milagre britânico; Entrevista: *Winston Churchill*; Perfil: *Charles De Gaulle*; Ponto de vista: *Jean-Paul Sartre*; Gente: *Max Schmeling, Douglas Bader, Noel Coward, Vivien Leigh, Papa Pio XII*.
- A GUERRA MÊS A MÊS:** A timeline from 1939 to 1945. The month of September 1939 is highlighted with a red circle and a white arrow pointing to it.
- Navigation and Resources:** At the bottom, there are icons and labels for "Animações", "Imagens", "Filmes e sons", "Bibliografia", "Créditos", and "Carta ao leitor".

Figura 2 - Segunda Guerra Mundial.
Fonte: veja.abril.com.br/especiais_online, 2013.

Enquanto alguns consideram a atividade lúdica como algo não sério, antônimo de um trabalho comprometido e bem realizado, a EAD vem mostrando que, do aprendizado à avaliação, os resultados costumam ser muito mais satisfatórios, considerando a participação, a motivação e o aprendizado como fatores a se ponderar em relação à atividade não lúdica.

Nos fóruns de discussão, um dos recursos mais utilizados para quebrar com a seriedade que a formalidade impõe, sem prejuízo de aprendizado, são os chamados *emoticons*, símbolos gráficos usados para representar uma emoção ou atitude que remete as expressões faciais. Mais do que tornar a atividade mais agradável, esses caracteres especiais conseguem conferir mais “humanidade” aos escritos pessoais, diminuindo as chances de mal-entendidos e dando mais condições de se expressar de forma simples o que se pretende dizer ao outro.

A Figura3 traz uma coletânea dos *emoticons* mais comumente utilizados nesses espaços virtuais.



Figura 3 - Emoticons.
Fonte: pt.depositphotos.com, 2013.

As salas virtuais, portanto, constituem-se de espaços de colaboração entre alunos, professores, coordenadores e técnicos em processos de ensino e aprendizagem, podendo variar entre situações síncronas e assíncronas conforme a necessidade e interesses, recriando e reinventando suas metodologias, ora em consonância ora não, no que tange a modalidade presencial, no objetivo de se levar ao aluno, com determinada autonomia, esteja onde estiverem, as condições de formação antes restritas somente aos grandes centros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apontar as contribuições das relações afetivas na aprendizagem da educação à distância, mostrando que a afetividade deve ser estudada e levada em conta em todas as etapas da vida. Pois assim como o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo ocorre de forma gradual e continua, sendo que cada fase pode vir a refletir as anteriores, positivo e negativamente.

Com base nos teóricos Piaget, Wygozty e Wallon, tece-se uma linha de raciocínio com pontos em comum na qual se descreve a criança como dependente emocionalmente de um parceiro ou parceiros emocionais para se desenvolver seus sentimentos afetivos. Em seguida do decorrer da infância à puberdade o ser desenvolve determinada autonomia, já tendo valores como o respeito recíproco, a justiça e igualdade de direitos. Depois na vida adulta a pessoa conhecerá então melhor a si mesma e suas possibilidades emotivas no que tange a “suas possibilidades, limitações, pontos fortes, motivações, valores e sentimentos, criando possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida” (OLIVEIRA, 2009, p. 06).

O estudo também mostra que a divisão do ser por dimensões, cognitiva, afetiva e emocional deve ter um caráter apenas pedagógico e científico, ou seja, necessário apenas para que estude as características que compõem o ser, mas na vida, especialmente no que tange a educação, não há como dissociar tais dimensões, não existe assim momentos ou situações capazes de sermos apenas racionais ou emocionais como julga o censo comum ainda hoje. O que pode ocorrer é determinada dimensão do ser mostrar-se de maneira mais evidenciada ou haver prejuízo de julgamento de quem observa, em um caso ou no outro uma dimensão pode estar em conflito e manter-se diminuída em razão de outra, colocando o ser numa posição comportamental próximo a uma máquina ou um animal. (TIBA, 1996).

Sendo assim todas as dimensões devem ser consideradas e levadas em conta em qualquer processo onde se envolva pessoas, onde haja interação, aprendizagem e ensino. Na educação à distância, online, essa necessidade torna-se maior devido a não presença física, frente a frente de todos os envolvidos no

processo. A linguagem utilizada não é apenas o que se quer dizer nesse caso, mas a pessoa, a sua representação como aluno, professor, tutor, etc.

Estudos de Dorjó (2011) e Oliveira (2009) mostraram que quando há participação efetiva e demonstração de afetividade tanto dos alunos como dos tutores e professores, dados pelas expressões de incentivo, uso de emoticons, valorização da fala do outro, passa a existir uma “atmosfera agradável e prazerosa” que gera a sensação de acolhimento, valorização, pertencimento, condições fundamentais para se atrair e manter o foco em busca o objetivo proposto pela EAD.

O estudo talvez pudesse mostrar-se mais revelador com a pesquisa de campo, com entrevistas que abrangessem todos os envolvidos no processo da educação à distância no sentido de entender o que motiva cada um a relacionar-se num ambiente em que não se pode ver de verdade com quem se está falando, quem é a pessoa por trás dos textos, além das dificuldades de utilização das TICs no início e durante os cursos, o que é mais relevante para cada um e por que há um grau tão grande de desistência nos cursos.

De qualquer modo o estudo consegue evidenciar a necessidade de se levar em conta a afetividade na mesma proporção que já é considerada a cognição, a inteligência e o intelecto. Cabe assim às instituições proporcionarem experiências acadêmicas embasadas nesses pressupostos, que os conceitos possam ir além do discurso e que mesmo o senso comum possa alimentar-se desse saber.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** Edição 08. Ateliê editorial. Cotia, 2006.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula.** Campinas: Papyrus, 1999.

ALVES, Lucineia. **Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo.** 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso em: 21/08/2013.

ARROYO, Miguel. **O direito há tempos-espacos de um justo e digno viver.** Jaqueline (org) Caminhos da Educação Integral no Brasil: Direito há outros tempos e espacos educativos. Porto Alegre, Artmed, 2005.

BONATTO, B. *et. al.* **A importância da afetividade nas interações no contexto da EaD.** V ESUD, Gramado, 2008.

BRUNO, Adriana R. **Mediação partilhada e interação digital: tecendo a transformação do educador em ambientes de aprendizagem, pela linguagem emocional.** In: MORAES M.; PESCE, L.; BRUNO A. Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online. São Paulo: RG Editores, 2008.

CETIC, Centro de estudos sobre as Tecnologias da Informação e comunicação. **Indicadores TIC domicílios e usuários.** 2012. Disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/>> Acesso em 29/10/2013.

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DORJÓ, Denise Sodré. **Relações Afetivas: Reais Possibilidades na Educação A Distância.** Tocantins, 2011.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-REGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação.** Educ. rev., Curitiba, n. 36, 2010.

FRANCA, Cristineide Leandro; MATTA, Karen Weizenmann da; ALVES, Elioenai Dornelles. Psicologia e educação a distância: uma revisão bibliográfica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, 2012.

GOMES, Luiz Fernando. **EAD no Brasil: perspectivas e desafios**. *Avaliação (Campinas)* [online]. 2013, vol.18, n.1, pp. 13-22. ISSN 1414-4077. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em: Out. de 2013.

LA TAILLE, Yves de. **Apresentando Jean Piaget**. Coleção Grandes Educadores. Produção de Atta - Mídia e Educação, 2006.

LAVORSKI, Joyce; JUNIOR VENDITTI, Rubens. A ludicidade no desenvolvimento e aprendizado da criança na escola: reflexões sobre a Educação Física, jogo e inteligências múltiplas. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 13 - Nº 119 - Abril de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/a-ludicidade-no-desenvolvimento-e-aprendizado-da-crianca-na-escola.htm>> Acesso em 20 de agosto de 2013.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática: novos e velhos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

MARTINS, Márcio. **A Importância da Afetividade nas Ações do Educador**: Um estudo sobre a presença da afetividade em momentos presenciais e a distância num curso, bimodal, de formação de instrutores/tutores. Brasília, 2005.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. Afetividade e processo ensino aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação. [online]. 2005, vol.20 p.11-30. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18/10/2013.

MICHAELIS, “**afetividade**”, Dicionário Online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues/portugues&palavra=afetividade>> Acesso em 20/10/2013

NUNES, Carlos. **O que é Moodle?** 2012. Disponível em: <<http://moodlept.educom.pt/mod/book/view.php?id=1755>. Acesso em: 15 oct. 2013.

OLIVA, Angela Donato *et. al.*. **Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista**. *Psic: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 1, Apr. 2006

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30/10/2013.

OLIVEIRA, Carmen Lúcia de Araújo Paiva. **Afetividade, Aprendizagem e Tutoria Online**. Maceió, 2009.

PALLOF, Rena; PRATT, Keith. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, Caciana Linhares. Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. **Psicol. estud.**, Maringá, 2012.

PIMENTEL JUNIOR, Jairo Tadeu Pires. **Razão e emoção: o voto na eleição presidencial de 2006**. Opin. Publica, Campinas , v. 16, n. 2, Nov. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30/10/2013.

PT. WIKIPEDIA.ORG. **Primeira guerra mundial**. (Adaptado pela autora). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Guerra_Mundial> Acesso em 27/09/2013.

PT.DEPOSITPHOTOS.COM. **Emoticons**. Disponível em: <<http://pt.depositphotos.com/1979963/stock-illustration-Emoticons.html>>. Acesso em 30/09/2013.

SALLAS, Fernanda. O conceito de afetividade de Henri Wallon: O que afeta a criança. **Nova Escola**. Edição 246, Outubro 2011.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, 2011.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. (2005). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 15 out. 2013.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa** / Içami Tiba. 1.ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TIJIBOY, Ana Vilma; PEREIRA, Eliane Almeida; WOICIECHOSKI, Lediane Raquel. Interação com Afeto: Aprendizagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. (2009). **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED – UFRGS, 7(1).

VEJA.ABRIL.COM.BR. **Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/index_flash.html> Acesso em 30/09/2013.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.